



ENTRE

PAREDES

AMALDIÇOADAS

TRADUÇÃO DE LÍVIA PACINI E NATHALIA AMAYA

LAUREN
BLACKWOOD



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023

AOS MEUS PAIS,
QUE NUNCA DEIXARAM DE ACREDITAR EM MIM.





CAPÍTULO

1

O calor sufocante me atingiu como as chamas repentinas de uma fogueira assim que troquei a proteção de lona da carroça pela areia ardente. Apertei minha bolsa com força, evitando olhar em direção ao pôr do sol. As ondas de calor criavam ilusões vívidas sobre a areia. Algumas vezes, surgiam como ondas numa poça d'água; outras, como uma cobra tentando escapar por baixo de uma pedra. Vi até uma caravana de afáres carregando blocos de sal vindos do solo para serem comercializados.

Tudo isso era só um truque cruel do deserto. Não havia nada aqui. Nada além de mim, o comerciante que havia me dado carona na cidade e aquela imponente construção de pedras estruturadas que seria meu novo lar.

Meus cachos bagunçados grudavam em minhas têmporas e na minha nuca enquanto eu pegava uma nota suada do bolso, mas o comerciante ergueu a mão, rejeitando o dinheiro como se eu estivesse lhe oferecendo uma aranha.

— É de graça.

— É para mostrar o quanto estou agradecida — insisti.

Eu deveria ter ficado quieta. Depois de ter sido veementemente negada por outras seis, a carroça tinha sido uma dádiva. Era feita de uma simples chapa de madeira apoiada entre duas rodas robustas na parte de



trás e uma mula suada atrelada à frente. Espaçosa o suficiente para eu me ajeitar e descansar, mesmo que precisasse compartilhar o espaço com o comerciante e seus potes de argila com especiarias. Tinha também uma lona para eu me proteger do sol. Uma *lona*. Mesmo assim, era tudo o que eu tinha, pelo menos até que o novo emprego me pagasse. E, de qualquer forma, se eu fosse pagar mesmo, o mínimo que ele poderia fazer era me deixar mais perto da porta.

Mas, Deus o abençoe, o comerciante insistiu ainda mais, utilizando a mão que já estava levantada para negar meu dinheiro com gestos frenéticos.

— Que Deus tenha piedade da sua alma — disse ele, batendo na mula e fazendo-a correr em disparada, jogando areia no ar enquanto manobrava a carroça e voltava para o longo deserto de onde tínhamos vindo.

A nuvem de poeira deixada para trás se grudou em cada centímetro suado do meu ser. Lambi o sal dos meus lábios e mastiguei os pequenos grãos.

A areia não me incomodava. Minhas entranhas já estavam tão revestidas por ela que eu havia me tornado imune, mas não tinha tanta certeza de que meu empregador iria gostar da minha aparência.

Com sorte ele seria compreensivo. Eu precisava deste emprego. *Muito*. Não me lembrava da última vez que tinha comido uma refeição de verdade. Dependia principalmente de areia para forrar o estômago e enganar minha mente, para que ela achasse que minha barriga estava cheia. Este emprego vinha com um quarto e comida e, se tudo desse certo, um futuro patronato que garantiria trabalho pelo resto da vida.

Mas um passo de cada vez.

Esperei até ter certeza de que o comerciante não voltaria, então abri o colarinho do meu vestido e tirei o amuleto que escondia ali, examinando-o à procura de danos. A prata, pura e fina, havia sido esculpida no formato de uma cruz copta pelo calor da minha caneta de solda e tinha fios de diversas cores enrolados ao longo das extremidades. Cada linha e curva soldada, cada fileira de cor acumulava a proteção contra as Manifestações do Mau-Olhado. Qualquer imperfeição seria capaz de destruir o desenho e arruinar a eficácia do escudo. Era o primeiro amuleto autêntico que fiz — o único, na verdade, pois Jember jamais me deixaria desperdiçar algo tão valioso como prata em múltiplas tentativas.



Além disso, essa quantidade de prata poderia alimentar alguém por um mês. Ou até mais, se a pessoa fosse econômica.

Escondi o amuleto sob o vestido novamente, ajustando o colarinho, para que a corrente de metal não aparecesse.

Desde os 5 anos eu sigo esta estratégia de sobrevivência que Jember me ensinou: *Proteja seu amuleto mais do que ele a protege.*

Passsei uma parte da caminhada de 5 quilômetros até o castelo sacudindo a areia do corpo com um dos meus vestidos limpos, e a outra parte, encarando o castelo. Parecia ter saído de um conto de fadas — paredes de arenito vermelho desgastadas de modo desigual e indefinidas por tempestades de areia, parapeitos onde antigos imperadores poderiam ter se apoiado um dia, e janelas envidraçadas talhadas no próprio material. Castelos assim existiam em terras gramadas, disso eu sabia, mas aqui? Quem desejaria ser imperador do deserto mais quente do planeta?

Alguns viajantes estrangeiros chamavam-no de “exótico”. Outros, de “infernai”. O segundo era verdade, pelo menos em relação ao calor. Mas olhar para ele? Era celestial. Sal e ferro incrustavam a terra em amarelo e ferrugem, fazendo o deserto parecer vivo e mágico. Ainda assim, uma vista maravilhosa como essa não era suficiente para que viajantes passassem por aqui, não mais.

O Mau-Olhado havia se certificado disso.

É dito que o Mau-Olhado foi a primeira Manifestação de pecado — isto é, inveja e ganância. Em um estado constante de cobiça, o Mau-Olhado se agarra a qualquer ser humano que deseja a mesma coisa que ele. Colheitas prósperas, boa sorte e até mesmo receber muitos elogios pode atrair sua atenção indesejada.

No entanto, bens materiais, especialmente muito dinheiro, pareciam ser os piores tipos de pecadores. A maior parte dos clientes atendidos por mim e Jember eram pessoas que insistiam em ter muitas coisas dispostas em casa. Ou mais dinheiro do que qualquer ser humano devia ter, como era o caso do homem que eu estava indo visitar.

Não importava que a maldição estivesse presa dentro do castelo ou que o deserto fosse completamente seguro para quem sabia atravessá-lo. Em se tratando de Mau-Olhado, era melhor prevenir do que remediar.

Quando consegui chegar ao castelo, a noite já se instalava, e o sol aparecia pela última vez no horizonte antes de dizer boa-noite. Levantei o

punho para bater na porta, mas, em vez disso, puxei a corda encrustada de areia pendurada ao lado dela. Lá dentro, o toque assustador do sino ecoou, anunciando minha chegada.

Esperei por uns 30 segundos, talvez menos — não sei, meus pés doloridos estavam impacientes para sair do chão e ir para uma cama de verdade. Apenas o som de passos me impediu de puxar a corda de novo. A porta abriu, e uma rajada de ar que mais parecia um balde com água gelada me acertou. Tremi e agarrei meu amuleto, quase duvidando do seu poder de me proteger do que estava dentro do castelo.

Uma mulher branca de cabelo grisalho e cara fechada me analisava por trás das lentes de seus óculos de metal. Ela usava um suéter de lã e uma saia longa e pesada — roupas estranhas para usar dentro de casa, ainda mais no deserto. Seu rosto e mãos pálidas, em contraste com as roupas cinzas e o *foyer* de pedra atrás dela, destacavam-se como manchas assimétricas num muro escuro.

Ela ergueu as sobrancelhas, seu olhar permanecendo por muito tempo sobre meu rosto, mas sem fazer contato visual. *Minha cicatriz*. Passei as unhas na bochecha como se estivesse aliviando uma coceira repentina, desejando poder tirar com elas a marca extensa em minha pele. Sempre me esquecia dela até conhecer alguém que a olhava como se fosse um terceiro olho.

— Andromeda, presumo?

Só com essas poucas palavras, pude perceber que ela não era daqui. O amárico não fluía ao sair de sua boca — na verdade, a pronúncia endurecia em todos os lugares errados.

A não ser que ela quisesse proferir as palavras como uma maldição.

Concordei levemente, tentando não tropeçar em meus próprios pés cansados.

— Sim.

— A exorcista?

Exorcista. Tentei ao máximo não revirar os olhos ao ouvir a palavra. Era vaga, limitada. Nós, os *debteras*, lideramos os cultos com hinos e cânticos, assim como desempenhamos todas as funções dos sacerdotes, mas sem os benefícios da ordenação ou da estima. Éramos curandeiros. Artesãos. Fomos treinados para nos sintonizar com o mundo



espiritual de um jeito mais profundo do que qualquer outra pessoa ou-
saria. Mas, supus que, para o objetivo do meu empregador...

— Exatamente. Sou a *exorcista*.

A mulher mordeu o lábio.

— Você parece ser bem jovem.

— Pareço — concordei, mas não disse nada além disso.

— Este não é um trabalho para crianças.

— Gostaria de ver minha identificação?

Retribuí seu olhar cético com firmeza, rezando secretamente para que ela não pedisse. Alguém de 19 anos já era adulta, de acordo com a lei. Adulta o suficiente para viver na rua e passar fome todos os dias. Mas não o suficiente, em minha experiência, para ser levada a sério pelas gerações mais velhas. Quanto menos motivos ela tivesse para me julgar, melhor.

— Hum, você é uma coisinha pequena e magricela — comentou, como se isso fosse importante. Ela abriu mais a porta, e eu entrei no castelo gelado, forçando-me a não esfregar as mãos nos braços trêmulos. Continuou: — Mas, pensando bem, *debtaras* maiores que você não nos ajudaram muito, não é?

Então ela *sabia* o que eu realmente era, embora tenha pronunciado o nome de modo tão estranho que eu mal reconheci a palavra — *deb-TE-ra*, com ênfase na segunda sílaba em vez da primeira.

Assim que a mulher fechou a porta, instintivamente olhei em volta, à procura de uma outra saída.

— Sou Peggy, cuidadora do Sr. Rochester. Ele vai insistir que me chame assim, apesar de ser inapropriado, pois sou mais velha. Não, não tire os sapatos, criança. Nunca se sabe no que pode acabar pisando por aqui.

Apoiei-me em um pé só para encaixar a sandália de novo, sentindo uma dor violenta e arrepiante percorrer minha mão quando utilizei a parede como suporte. A pedra parecia gelo. A presença de espíritos malignos costumava esfriar um cômodo, mas eu nunca tinha sentido algo assim.

Peggy me guiou pelo corredor escuro, ainda que iluminado por velas. As janelas translúcidas ofereciam apenas um pouco mais de auxílio



visual com o sol que se punha. Esfreguei os braços e agarrei o amuleto em volta do meu pescoço. Ele costumava pulsar suavemente quando havia um excesso de Manifestações por perto — evidência física do Mau-Olhado —, mas nunca de maneira tão contínua quanto hoje. Eu quase conseguia sentir o movimento das Manifestações no teto alto e escurecido — era como um aglomerado de morcegos se afastando da pulsação.

— Só temos algumas horas para que se acostume com as coisas antes do toque de recolher — disse Peggy, conduzindo-me escada acima. Diminuí meus passos, para acompanhar os dela. — O Despertar começa às dez em ponto, e todos devem estar trancados em seus respectivos quartos. Sem exceções. Só Deus pode te ajudar se não estiver.

Acredito que a ideia de uma casa amaldiçoada fosse assustadora para alguém que não soubesse como purificá-la, mas eu nunca tinha encontrado uma Manifestação que pudesse resistir até a um de meus amuletos mais fracos.

— Trabalho melhor no meio da noite. É mais fácil medir a presença do Mau-Olhado quando consigo vê-lo em ação.

Peggy inclinou o queixo, encarando-me por cima dos óculos.

— Disse que já fez isso antes, certo?

— Muitas vezes. — Em cômodos. Não em uma casa inteira, muito menos em um castelo. Mas só Deus sabe quando, ou se, eu conseguiria outra oferta de trabalho, pelo menos não sem uma licença de *debertera*. Uma mentirinha era justificável.

— Depois você pode conversar com o Sr. Rochester sobre isso. Até lá, não comece a criar suas próprias regras como se fosse a dona da casa. — Ela abriu uma porta a poucos metros do topo da escada. — Este será o seu quarto. Você deveria ficar lá embaixo, com os empregados, mas o Sr. Rochester a queria no mesmo andar que ele. É pequeno, mas você não parece ter muita coisa mesmo.

Uma mulher trabalhando para um homem cuja casa estava amaldiçoada pelo Mau-Olhado não parecia ser o tipo de pessoa que deveria julgar uma pobre garota e sua falta de bens... mas não valia a pena discutir. Eu tinha um quarto para dormir. Tinha comida para comer, e Jember não estava aqui, me mandando roubar drogas para ele.

Respirei fundo, afastando as memórias.



Agradeça, Andi. Você está segura.

— Obrigada. — Entrei no quarto.

— O jantar será servido em uma hora — informou ela, examinando meu vestido simples e cheio de areia. — Espero que tenha algo melhor para vestir.

Escondi minha vergonha, fingindo ajeitar a bolsa e pensando naquele comerciante idiota e esbaforido.

Ela fez um ruído com a boca, como se estivesse zombando de mim, e me deixou sozinha, sem falar mais nada.

Amostra



CAPÍTULO

2

O barril com água no canto do quarto devia ter sido preenchido recentemente, pois quebrei a fina camada de gelo com facilidade, usando o fundo de um balde. Eu o enchi e pendurei suas alças sobre o fogo, para aquecer a água. Encontrei um pano velho na cômoda perto da cama e esfreguei meu corpo com ele até que o líquido esfriasse. Fazia tanto tempo que não me limpava que até tinha esquecido que existia pele embaixo de toda aquela areia. Usei o resto da manteiga que consegui numa troca na última semana para hidratar meus cachos soltos e minha pele escura e corada. Quando terminei, fiz duas tranças bem presas, uma em cada lado da cabeça, embutidas na raiz e com as pontas caindo sobre meus ombros. Eu não tinha nada *melhor* para vestir, mas tinha, sim, um vestido sem areia e suor. Teria de servir.

Havia um largo espelho de corpo inteiro, e, como eu não me via há tempos, fiquei um pouco aflita ao ver meu reflexo. Não dava para melhorar meu rosto — meus lábios pareciam ser grandes demais para o queixo minúsculo, que era arredondado demais em relação ao meu nariz fino, que por sua vez jamais se acomodaria uniformemente entre as maçãs do rosto que não eram nem tão redondas nem tão salientes. A cicatriz feia e levemente elevada em minha face piorava tudo, pois ia do lábio superior até a bochecha. Não era como a escarificação, uma demonstração intencional da beleza, mas a consequência visível de um erro colossal.



Eu parecia uma boneca caseira e deformada, mas não uma sem-teto, pelo menos. A última coisa que eu queria era que o Sr. Rochester soubesse que tinha literalmente me tirado das ruas.

Se havia um relógio no quarto, não me preocupei em procurar por ele. Anos sendo cobrada por hora pelo meu trabalho, mesmo só seguindo o Jember na maior parte das vezes, fizeram com que eu desenvolvesse um relógio interno que funcionava tão bem quanto um comum. Assim, faltando 10 minutos para completar uma hora, desci as escadas, para procurar a sala de jantar.

As lareiras estavam acesas em todos os cômodos, mas mesmo assim faltava luz e calor. Eu nunca tinha visto tão pouca cor numa casa decorada de maneira tão... colorida. Mesmo com tapetes e almofadas, cestas e tapeçarias, todos os tecidos com as tradicionais cores verde, amarelo e vermelho, não havia vida, só o desbotamento causado pelo sol e pelo tempo. Todo aquele belo artesanato era combinado com paredes e móveis que pareciam vindos de outro mundo. O excesso de ouro, filigrana e ornamentos deixava pouco espaço para que cada desenho se destacasse sozinho, fora que tudo parecia um pouco... desorganizado. Uma das tapeçarias não estava alinhada, alguns tapetes não estavam centralizados, e percebi móveis posicionados em lugares incomuns. Quem quer que tenha decorado o local não se importava em nada com a organização e a estética dos cômodos.

O salão principal era um grande quadrado, e, quando terminei de perambular e cheguei ao fim das escadas, Peggy e mais três outras pessoas sussurravam na base dos degraus. Uma delas — um homem mais velho com um bigode — me viu chegando e cutucou Peggy, incentivando os outros a me olharem. Fiquei arrepiada por uma fração de segundo, apalpando a faca escondida sob meu vestido, mas rapidinho a lógica falou mais alto. Estavam com Peggy, então provavelmente trabalhavam aqui também, assim como eu.

Logo percebi que Peggy era a única que não fazia qualquer trabalho fora do castelo, pois seu rosto era branco como concreto enquanto o dos outros três era corado por causa do sol. Nunca na minha vida tinha visto tanta gente branca num lugar só. Nosso país não havia sido colonizado como os outros, então minha experiência se limitava a um ou outro missionário ou ativista, e todos eram simpáticos.



Pensando bem, até que fazia sentido. Nenhum nativo se atreveria a pisar numa casa tão impregnada da presença do Mau-Olhado. Contratar estrangeiros que não estivessem familiarizados com a maldição garantiria a permanência deles desde que fossem bem pagos.

— Esta é Andromeda — disse Peggy. — *A debtera.*

— Finalmente escolheu a pessoa certa. — O homem de meia-idade de cabelos pretos e fios grisalhos nas têmporas bateu nas costas de Peggy, talvez com muita força, pois ela fechou a cara e reclamou.

— Você sempre diz isso, Tom. — Uma mulher de cabelo laranja-brilhante e bizarros olhos azuis franziu as sobrancelhas. — Ela não deve ter mais de 16 anos.

— Sim, mas já presenciou guerras — comentou ele, apontando para a minha cicatriz. Lutei contra o desejo de cobrir o local com a mão.

Pensei que Peggy gostasse de se vestir de acordo com o humor, mas os outros três também usavam roupas de tom cinza-escuro que combinavam com as paredes deprimentes. Para ser justa, talvez fosse menos sobre moda e mais sobre usar um barril só para tingir toda aquela lã cinza de uma vez. Mesmo assim, era estranho ver o quanto eles combinavam com a casa. Como fantasmas vestindo sombras.

— Este é Tom — disse Peggy. — Ele cuida da manutenção da casa. Esta é Emma. Nós duas cozinhamos e costuramos, e este aqui é Edward — o velho acenou com a cabeça e sorriu, seus olhos bondosos reluzindo —, que cuida dos cavalos. Todos limpamos aqui. — Ela lançou um olhar crítico sobre mim. — Inclusive você.

Estavam me pagando para limpar o Mau-Olhado da casa, não a sujeira, mas eu discutiria isso com o Sr. Rochester.

— Quatro pessoas cuidando de uma casa tão grande?

— Somos os únicos que sobraram — respondeu Emma.

Um silêncio sombrio assolou o grupo. É claro, a resposta era óbvia: o resto dos funcionários tinha ido embora. Emma se apoiou em Tom e teve sua cabeça gentilmente acolhida por ele. O pigarreio de Edward soou severo em meio ao silêncio.

— Por que ninguém aqui usa amuleto? — perguntei.

— Bobagem supersticiosa — respondeu Peggy, afastando minhas palavras como se elas fedessem. — Nosso Deus nos protege.



Olhei para os outros, mas eles pareciam estar deliberadamente evitando contato visual comigo. Respirei fundo e tentei não soar irritada.

— Adoramos o mesmo Deus. Ele criou os médicos para receitar medicamentos, assim como criou os *debtteras* para confeccionar amuletos.

— Isso é só conversa fiada dos locais — disse ela de maneira áspera, e eu mordi a língua para não rebater. Por fim, apontou para uma entrada mais iluminada do que as outras. — A janta espera na sala de jantar.

— Boa sorte — falou Tom, oferecendo um sorriso encorajador.

— Não existe isso de boa sorte — respondeu-lhe Emma conforme os quatro seguiam por um corredor —, esse é o ponto.

Entrei na sala de jantar que mais parecia uma sessão espírita — havia velas em todas as superfícies, menos no chão. A mesa de madeira era comprida e com cadeiras ornamentadas de modo extravagante. O cômodo era propício para um banquete, mas, ainda assim, apenas um homem — vestindo uma camiseta escura com gola indiana abotoada até em cima e um sobretudo — estava sentado numa das pontas da mesa. Ele deve ter me ouvido chegar, pois se virou na cadeira e sorriu, os dentes brancos mais iluminados do que qualquer vela.

Até no escuro pude perceber que ele era bonito. Seus cachos fechados eram cortados bem rentes ao longo da testa, e ainda mais nas laterais e na parte de trás. As maçãs de seu rosto eram como pedras lisas, o nariz era largo e simétrico, e as linhas de expressão ao redor de seus lábios pareciam venerar o sorriso que adornavam. E se sua deslumbrante pele negra fosse tão angelical sob a luz do sol quanto era sob a simples iluminação de uma vela, eu quase temia que não fosse sobreviver aos próximos meses.

Ele era lindo, e de repente percebi que talvez pudesse se importar que eu não era.

— Andromeda? — O homem afastou alguns pergaminhos e levantou. — Bem-vinda. Venha, sente-se.

— Os outros se juntarão a nós? — perguntei.

— Em breve, espero. Mas está tudo bem. Podemos começar sem eles. — Ele apontou para a comida fumegante sobre a mesa. — Imagine que esteja com fome por conta da viagem.

Cheguei perto da mesa, parando a alguns metros de distância. Ele usava um amuleto de prata parecido com o meu ao redor do pescoço

— fino e liso com todas as gravuras e fios coloridos enrolados que alguém esperaria de um amuleto universal. Ele era mais sábio do que a Peggy, pelo menos.

Ficamos assim por longos segundos, e seu sorriso caloroso se tornou lentamente mais profissional e educado, então, de repente, lembrei-me de que um homem respeitável não deveria tocar numa mulher que não conhecia. Estendi a mão, e ele a apertou de modo gentil, porém logo me esquivei, na defensiva. Meus músculos estavam tensos, mas prontos para agir enquanto ele... puxava a cadeira para mim. Engoli em seco, sentindo meu rosto esquentar de vergonha. *Você não está mais nas ruas. Ninguém quer te atacar nem roubar suas coisas.* Sentei-me rapidamente e deixei que o homem empurrasse a cadeira de volta, inclinando a cabeça para frente, no intuito de que ele não percebesse meu rosto corado. Consegui até ficar parada enquanto ele colocava um cobertor de lã sobre meus ombros.

— Teremos que nos servir esta noite. — O homem, que só podia ser o Sr. Rochester, voltou para o seu lugar e colocou uma pequena bacia na minha frente. Deixei as mãos pairando sobre ela silenciosamente enquanto ele derramou água sobre a minha pele. — Apesar do tamanho, temos poucos empregados. Não tem muita gente disposta a trabalhar numa casa amaldiçoada.

Empregados. Nem mãe eu tive. No entanto, fiz que sim com a cabeça de um jeito educado, pegando a toalha pequena que ele me ofereceu.

— Me adapto com facilidade.

— Ótimo. Nunca se sabe o que vai acontecer nesta... Ah! — Ele pareceu um pouco surpreso, mas logo depois aquele sorriso deslumbrante apareceu de novo enquanto eu colocava a bacia na sua frente. Os convidados não costumavam lavar as mãos do anfitrião, mas não tínhamos muitas opções. — Obrigado.

Lavei suas mãos, ele as secou e então agradeceu pela comida por meio de uma oração.

— Espero que não se incomode com uma pergunta — disse o Sr. Rochester —, mas por que Jember não escreveu uma carta de referência para você?

A pergunta era pertinente, mas eu jamais responderia a ela com sinceridade. Jember podia ter me criado e me treinado para ser uma



debtera, mas também foi ele quem me comprou dos meus pais biológicos. Pessoas que compravam crianças nunca conseguiriam ter o apreço necessário por elas a ponto de escrever cartas que enaltecem suas conquistas. Além disso, mesmo que por um milagre ele tivesse tal apreço por mim, não se daria ao trabalho.

— Ele estava ocupado demais e perdeu o prazo — respondi, tentando não enfiar muita comida de uma vez na boca. Eu não comia há dois dias, mas ninguém precisava saber disso.

— É mesmo? — O Sr. Rochester me observou por um momento, e só então percebi que, desde a última vez que eu havia falado, já era a quarta vez que eu metia na boca os dedos cheios de comida. *Desacelere*. — Não é que eu duvide de suas habilidades, pois seu currículo é impressionante, mas acho que não conheço ninguém que esteja familiarizado com o seu trabalho.

E nem teria como. Só de entrar na casa, já ficou óbvio que frequentávamos círculos sociais bem diferentes. Pessoas como ele contratavam pessoas como Jember, que era o melhor *debtera* de sua geração, além de licenciado e apoiado por uma igreja altamente respeitada. Pessoas como ele passavam por pessoas como eu — sem licença e sem o reconhecimento da igreja porque foram enxotadas por um mentor amargurado antes que pudessem se virar sozinhas — sem olhar duas vezes.

— Jember e eu viajamos por muitas vilas diferentes para ver clientes. Talvez não esteja familiarizado com aqueles que vivem mais longe.

Notei que ele ficou sem graça.

— Sim, com certeza. Eu não quis insinuar nada. — Ele retirou uma pasta de dentro de sua maleta e a colocou na minha frente, tirando alguns papéis que depositou no topo. — Este é o contrato. Leve o tempo que for preciso antes de assinar, claro. A maior parte está dentro do padrão. Quarto e alimentação gratuitos, refeições diárias e demais comodidades. Sei que seu trabalho normalmente é pago por hora, mas acredito que cheguei a um preço semanal fixo muito mais benéfico para nós dois. Já aqui está uma lista de regras, o que não é tão padrão, que você terá de cumprir.

Ele mostrou uma lista numerada, apontando para a primeira linha em seguida.



— As duas primeiras regras são as mais importantes para você: não saia do quarto após as dez da noite, e socializar depois do jantar é obrigatório. O resto é meio trivial, mas o Magnus fica bem irritado quando não seguimos tudo à risca.

Peggy já tinha me avisado sobre o toque de recolher, mas socialização obrigatória?

— Quem é esse Magnus?

— Magnus Rochester é o dono deste castelo.

— Me desculpe, senhor. Você não é...? — Pigarreei. — Eu pensei que você fosse o dono do castelo.

— Ah. — Ele riu suavemente. — Não sou. Perdão, achei que já tinha me apresentado. Pode me chamar de Esjay. Sou o advogado da família Rochester.

— Então onde está o Sr. Rochester?

— Tenho certeza de que descerá em breve. Entretanto, ele prefere apenas “Magnus”. Não precisa chamar ninguém de senhor nem de senhora, como está escrito na regra 23 do contrato.

Um estrondo como o de uma porta batendo ecoou escada abaixo, e ouvi gritos distantes.

Esjay entrelaçou os dedos de ambas as mãos educadamente, respirando fundo pelo nariz, e então sorriu para mim.

— Magnus não se juntará a nós hoje à noite, pelo visto. Mas ajudarei você com o contrato e responderei quaisquer dúvidas que... — Mais um estrondo, só que dessa vez como o de um tiro. Esjay levantou com rapidez, a cadeira produzindo um ruído agudo ao ser arrastada na madeira. — Pode me dar licença por um momento? — E saiu da sala apressado.

Ouvi seus sapatos se chocando contra os degraus enquanto ele subia as escadas, lambi os dedos até limpá-los e fui atrás dele.

Os gritos me fizeram parar no topo das escadas para escutar. Peggy e Esjay estavam no fim do corredor, falando através de uma porta meio aberta enquanto alguém gritava com eles do outro lado. A discussão finalizou com a porta batendo na cara dos dois.

Esjay cutucou o ombro de Peggy e se virou na minha direção. Pareceu quase assustado ao me ver parada ali, mas depois sorriu e veio até mim.



— Receio que esta não seja uma boa noite para falar de negócios. Por que não lê o contrato hoje, e eu passo aqui amanhã, para conversarmos?

— Ele é sempre tão irracional? — perguntei.

— Ele... — O sorriso de Esjay sumiu. — Ele não está bem hoje. Normalmente está em um humor melhor, mas às vezes a maldição e o mal dentro da casa...

— Pesam — concluí. Isso acontecia em todas as casas que eu purificava. O anfitrião sempre sofria mais.

Ele concordou com a cabeça e pigarreou.

— Amanhã será um dia melhor. Sempre é.

— Esjay? — chamei. Ele já estava descendo as escadas, mas se virou ligeiramente ao ouvir minha voz. — E aquele tiro?

Passou a encarar o corrimão das escadas como se quisesse esconder o semblante abatido.

— Ninguém se machucou.

— E, acredite em mim, criança — disse Peggy, esbarrando em mim, mesmo que o corredor fosse largo o suficiente para que ela não tivesse que fazer isso —, armas são a menor de suas preocupações por aqui.

— Peggy... — sussurrou Esjay, como uma súplica, e me olhou. — Com um currículo como o seu, duvido que terá problemas. Estarei de volta amanhã à noite, antes do jantar.

— Não incomode o Sr. Rochester hoje — disse ela grosseiramente enquanto descia as escadas. Cerrei os punhos ao ouvir seu tom rude. Eu estava no castelo há menos de duas horas e já odiava essa mulher.

Esperei até que os dois sumissem de vista antes de me aproximar e bater na porta.

Ouvi um resmungo e passos pesados acompanhados de algum tipo de som metálico, e então a porta se abriu com um rangido. Estremeci por conta do frio que vinha de dentro do cômodo e senti o amuleto pulsando intensamente contra meu peito.

— Já falei que não *tô* com fome, Peggy. — Alguém reclamou atrás da porta. O Sr. Rochester estava claramente se escondendo, pois tudo o que eu conseguia ver era um pedaço da parede escura de seu quarto.

— Peggy está lá embaixo — eu disse. — Sou Andromeda.

— Quem?

Hesitei.

— Você me contratou. Para exorcizar sua casa contra o Mau-Olhado.

— Contra o quê?

Ele não sabia o que estava na casa dele?

— A atividade espiritual na sua casa.

— Espera, *quem* é você?

— Andromeda, a *debtera* que você contratou. Eu queria conversar com o senhor sobre o toque de recolher...

— Tranque suas portas às dez se não quiser ser comida viva. Agora dá o fora. — Ele bateu a porta na minha cara, e logo pude ouvir seus passos se distanciando.

Respirei fundo.

Andi, lembre-se de onde você estava de manhã.

Você acordou num estábulo cheio de cabras. Escorraçou um babaca usando uma pedra.

Um patrono um pouco irracional não é nada.

Inspirei e expirei pela terceira vez e então desci as escadas, para terminar de jantar.